

**M. J. ARLIDGE**

Mais de 2 milhões de livros vendidos

**O GATO  
e  
O RATO**

**SE ACHA QUE ESTÁ SOZINHO,  
PENSE OUTRA VEZ...**

**TOP  
SEL  
LER**

# 1

**M**artha White remexeu-se, virando-se de lado e agarrando a almofada. Estava presa num estranho submundo entre o sonho e o despertar, num repouso inquieto pontuado por pesadelos acerca de ligações falhadas e crianças perdidas, mas um ruído no andar de baixo devolveu-a à realidade. Era comum irritar-se com a chegada de Greg a casa — sapatilhas largadas ruidosamente no *hall*, porta do frigorífico a bater —, mas nessa noite sentia-se grata pelo barulho. Dormia sempre melhor quando o marido estava em casa.

Voltando a aconchegar-se, enterrou o rosto no algodão macio, inspirando o aroma a detergente da roupa, rezando para que o sono — *um sono adequado* — a tomasse. Sentia-se extremamente cansada, dado o habitual rol de tarefas e cuidados com a filha lhe roubar os derradeiros vestígios de energia. Se lhe fosse dada a possibilidade, ficaria a dormir mais mil horas, levada alegremente nos braços da noite, acordando depois fresca e revitalizada, pronta para ser a mãe que sempre quisera ser. Mas isso, claro, não era uma opção. Ao alvorecer já estaria a pé e, como tal, só poderia contar com umas horas de repouso decente antes de o dever a chamar.

Se tivesse sorte, Greg não demoraria a ir para a cama. Por vezes, quando regressava do treino, sentindo ainda a adrenalina a pulsar-lhe no organismo, demorava-se no rés do chão a petiscar, a ver televisão, a consultar o e-mail, mas ela já o ouvia a trancar a porta da frente e a apagar as luzes do *hall*, um som que servia sempre para reduzir os níveis de ansiedade de Martha, assinalando o verdadeiro começo da noite. Agradecida, sentiu uma onda de amor percorrê-la. Apesar das suas ocasionais diferenças, ela e Greg *eram* uma boa

equipa — bondosos, carinhosos, sempre atenciosos um com o outro. Sabia que tinham sorte em terem-se encontrado, e mais sorte ainda por terem sido abençoados com uma criança feliz e saudável. Havia tanto sofrimento, desilusão e raiva à solta no mundo... eles eram uns sortudos.

O sono começava a tomar conta de si, e foi com um puxão preguiçoso que levantou o lado do edredão de Greg, revelando uma porção acolhedora de lençol branco bem engomado. Iria ser tão agradável deixar-se adormecer nos seus braços. Iria ser tão agradável estar em paz, mesmo que apenas por algumas preciosas horas. Martha sentia o corpo pesado, a consciência a dissipar-se, mal dando pelo suave fechar de porta e, depois, pelos passos cuidadosos de Greg rumo à cama. Sentiu o colchão a afundar ao lado dela e deslizou as costas gentilmente na direção dele, aguardando que o corpo dele a envolvesse. Haveria algo melhor do que isto?

Mas, para sua surpresa, nada aconteceu. Martha estava agora prestes a adormecer, esgotada pelo cansaço, ainda assim, estranhava a falta de contacto, a ausência do corpo musculado de Greg junto ao seu. Porque se mantinha ele afastado? O que *fazia* ele? E foi então, no seu torpor ensonado, que Martha se apercebeu de uma coisa: o colchão afundava-se mais do que o habitual, como se houvesse um peso inesperadamente mais intenso a pressioná-lo, fazendo o seu corpo deslizar na direção do seu companheiro. E, mesmo baralhada, Martha reparou ainda noutra coisa: um cheiro. Um aroma que não lhe era familiar, almiscarado e intenso, como aftershave masculino...

Martha abriu subitamente os olhos, sobressaltada. Em pânico, tentou virar-se, gritar. Mas antes de o conseguir, uma mão tapou-lhe a boca com força, abafando-lhe o grito.

## 2

Um guincho rasgou o ar, a borracha queimou no alcatrão e a moto arrancou, rugindo ao afastar-se do local do crime. Ao fim de alguns segundos, o barco apreendido não passava de um pontinho no retrovisor da inspetora-chefe Helen Grace, que se afastava das docas de Southampton na sua *Kawasaki Ninja*. A noite fora bem-sucedida, mas agora só queria estar longe daquele sítio.

Era uma noite fria de janeiro, e um manto de nevoeiro cobria Millbrook Road, na qual Helen acelerava. Segundos depois dava por si na rotunda de Teboura Way e, virando à direita, seguiu no sentido inverso, dirigindo-se velozmente rumo ao centro da cidade por entre a névoa sufocante. De certa forma, estas condições eram reconfortantes — no nevoeiro uma pessoa consegue manter-se anónima, secreta, oculta. Por outro lado, tinham algo de inquietante, pois era impossível saber quem poderia estar a esconder-se naquele denso e húmido manto.

Helen manteve-se inclinada sobre o guiador, sondando, *prevendo* algum perigo. Chegou a Winchester Road sem incidentes e, pouco depois, já avançava no seio daquela cidade complexa e deteriorada. Abria-se agora diante dela um leque de opções, um conjunto de rotas de regresso ao seu apartamento, todas elas repletas de perigos. Helen escolhia sempre ao acaso, tendo apenas uma regra: nunca utilizar o mesmo caminho dois dias seguidos. Talvez estivesse a ser excessivamente cautelosa, mas não se sentia preparada para correr riscos — não podia ser, dada a sentença de morte que pairava sobre si.

Helen era conhecida na Esquadra Central de Southampton por encerrar os seus casos com sucesso, porém a sua última investigação acabara mal. Sim, pusera fim a uma onda de homicídios, desvendando

o mistério por detrás de uma série de mortes chocantes, mas o autor escapara, jurando vingar-se: iria enviar um assassino, num momento escolhido por si. Já tinham passado quatro meses desde a terrível ameaça de Alex Blythe, período durante o qual Helen mal dormira.

Helen sabia que andava extremamente tensa, sobressaltando-se por tudo e por nada, mas era impossível não sentir medo ao saber até onde se estendia o alcance de Blythe. Psiquiatra e especialista em alcoolismo e toxicod dependência, Blythe estava na posse de material comprometedor de imensa gente local — maridos, mulheres, mães e pais que tudo lhe haviam confessado, acreditando que os seus pecados, as suas obsessões, os seus vícios permaneceriam confidenciais. Blythe optara por usar tais informações contra eles, coagindo os pacientes a matar para seu deleite e, apesar de o seu reino de terror ter terminado, havia ainda um homicídio que ele pretendia ver levado a cabo.

Mantendo-se alerta a outros motociclistas, a viaturas que se posicionassem ao seu lado, Helen serpenteou velozmente por entre o trânsito, enfiando-se à frente de um carro mais lento para, a grande velocidade, percorrer a Bentham Street. A sua viagem de regresso a casa era sempre assim — espasmódica, errática, improvisada. Se ela não fosse capaz de prever o seu trajeto para casa, então, com sorte, também não o seria um potencial assassino. Era cansativo viver sempre na expectativa de uma morte violenta, mas Helen não via alternativa. Apesar de a sua própria lógica a incentivar a não ver um fantasma em cada esquina, o seu lado animal permanecia eternamente alerta, desconfiando até dos agentes na investida dessa noite no porto, de quem quer que fosse que não pudesse descartar pessoalmente como eventual perigo. Tendo em conta o passado complicado de Helen, a lista de aliados genuínos era muito curta. Daí o seu constante estado de alerta.

Seguia agora pela Firth Street, rumando ao seu apartamento. Por um lado, ansiava por lá chegar, por encontrar o interior daquelas paredes familiares; por outro, sentia-se tentada a seguir em frente, a circular pela estrada que seguia a costa ou até para norte, para a M25, onde poderia entrar e sair do trânsito, sempre um passo à frente do seu inevitável destino. Era uma loucura, mas nos dias que corriam só se sentia segura quando acelerava estrada fora. Era mais difícil acertar num alvo em movimento.

Um dia, talvez terminasse. Talvez a Agência Nacional do Crime ou a Interpol conseguissem encontrar Blythe, capturando, por fim, o seu perseguidor. No entanto, a sua paranoia e desconfiança tinham rédea livre — e o seu pesadelo não tinha um fim à vista.

### 3

**M**artha manteve os olhos fechados, rezando para que a sua provação terminasse. O agressor ordenara-lhe que se mantivesse deitada de cara para baixo na cama e Martha não se atrevera a resistir, mesmo quando ele lhe enfiou um trapo sujo na boca e lhe puxou os braços para trás, atando-lhe os pulsos. Alguns segundos depois, sentiu os dedos dele a procurarem os seus e num momento desorientador achou que ele ia dar-lhe a mão. Mas, então, sentiu um forte puxão na aliança de casamento e compreendeu a natureza das suas intenções. Seguiu-se de pronto o anel de noivado, ambos arrancados sem cerimónia à sua carne queixosa, antes de o atacante abrandar, erguendo-se e afastando-se.

Por momentos, Martha sentiu-se demasiado chocada para reagir, mas o desconcerto e o alarme deram lugar à fúria. Aquela era a *sua* casa, o *seu* quarto, aqueles eram os *seus* anéis — lembranças estimadas que assinalavam o seu compromisso com Greg, mas que também evocavam memórias preciosas do seu noivado no Havai e do casamento em Beaulieu. Como é que ele se atrevia a levar-lhe os anéis como se não passassem de meras bugigangas, pedaços de metal e pedra para serem vendidos a troco de dinheiro frio e duro? Que tipo de miserável era ele? Nesse momento ouvia o intruso a remexer-lhe na sua caixa de joias, servindo-se de prendas e compras de toda uma vida, já para não referir as relíquias que herdara da sua mãe, antes da sua morte prematura.

*Não te descontroles, Martha. Não te descontroles.*

As palavras surgiram-lhe de repente, sem convite, mas bem-vindas. Sim, por um lado queria gritar, arrancar as ataduras, descarregar a sua raiva, mas o seu lado mais sensato aconselhou cautela, recordando-lhe

o que estava em jogo. Formaram-se na sua mente imagens de Bailey, e a raiva de Martha de imediato sumiu, substituída por preocupação com a sua bebé. Desde que ela e a sua filha chegassem ilesas ao fim daquele horrível ataque, que interesse tinha se perdesse uns bens de valor? Sentiu-se idiota por se preocupar com coisas que poderiam ser substituídas, talvez até recuperadas. O que contava era a carne e o sangue.

Teve se manter calada e quieta. Fazer o que lhe era dito e depois esperar, indefesa, mas aliviada, que Greg regressasse a casa. Ao pensar nisso, a ira imiscuiu-se nos seus pensamentos — porque *não estava* ali Greg para as proteger? —, mas depressa descartou essas acusações que de nada serviam. A culpa não era dele. A única pessoa a culpar era o intruso violento que agora vasculhava a sua casa.

O atacante terminara de saquear a cómoda e uma vez mais impôs-se o silêncio. Martha não se atreveu a olhar, mal se atreveu a respirar, à espera de que o ladrão abandonasse o quarto e percorresse o corredor. Esforçou-se por o ouvir a sair de casa, mas para seu pavor ele dirigiu-se de novo à cama, subindo para o colchão. Por instinto, Martha subiu os joelhos, unindo-os com força. Foi tomada pelo terror — ficou sem fôlego e zozna ao mesmo tempo que as lágrimas lhe inundavam os olhos. O horrível roubo dele seria apenas a ofensa inicial, a primeira parte de uma violação doentia da sua vida e felicidade? De repente, Martha percebeu que tinha de se mover e pôs-se de lado, tentando sair da cama. Mas mal conseguira mexer o corpo quando uma mão pesada a prendeu nas costas, mantendo-a em baixo. Martha ainda assim sacudiu-se com força, tentando libertar-se, mas a pressão do agressor era inabalável, o peso do seu braço mantendo-a deitada. Ela contava sentir a qualquer momento as mãos ásperas dele, rasgando-lhe as roupas, a pele, mas para sua surpresa nada aconteceu. Era como se estivesse apenas ali parado, a olhar para ela. Martha sentia os olhos dele cravados em si, como se estivessem ambos na cama como um qualquer casal...

E então, de repente, com toda a clareza, Martha percebeu *exatamente* o que se passava. Percebeu que a situação era bastante pior do que imaginara inicialmente. Aquele era o acerto de contas. O que fora inexoravelmente arquitetado face aos acontecimentos dos últimos dois anos. Martha *abriu* então os olhos, esticando o pescoço para ver o seu agressor, determinada a implorar pela vida, apesar do horrível



e sufocante trapo na boca. Mas uma vez mais foi empurrada para baixo, com a sua Némesis sem vontade de a enfrentar.

Em desespero, Martha passou os olhos pelo quarto, em busca de uma forma de se salvar. O seu olhar foi atraído pelo espelho na porta do guarda-roupa, que lhe facultou uma vista parcial do seu atormentador. Ele estava mergulhado na sombra, sinistro e indistinto, mas ainda assim ela percebeu que era ele, percebeu ao que viera. E agora, como que em resposta a essa lúgubre constatação, viu-o a mover-se, erguendo algo sobre a cabeça. Fixando o olhar no espelho, Martha tentou perceber do que se tratava, perscrutando a escuridão, enquanto o seu coração batia apavorado. E, então, por fim viu-a — a lâmina de um pequeno machado, a refletir a luz proveniente do patamar.

Martha paralisou e, com uma súbita explosão de energia, gritou, gritou a plenos pulmões, mesmo quando o trapo húmido deslizou até à traqueia. Foi doloroso, sufocante e em última instância infrutífero — antes de ter terminado o seu grito abafado, o agressor atacou, baixando o machado com força sobre a nuca dela.

## 4

**N**ada buliu, nada se moveu. Lá fora, o vento inclemente fazia-se ouvir, chocalhando as janelas e sacudindo as caixas do correio. Mas, no interior, a casa apresentava-se silenciosa como um túmulo.

Apagando as luzes, a sargento-inspetora Charlie Brooks subiu as escadas, com o cuidado de evitar o sétimo degrau, que gemia sempre ruidosamente, de modo a não despertar as suas filhas que já dormiam. Jessica e Orla já davam por norma imenso trabalho, mas hoje tinham-se revelado particularmente desafiantes, provocando-se, chorando, respondendo torto, deixando Charlie profundamente exausta antes de, por fim, cederem ao sono. Era suposto ter lido esta noite com Jessica, a mais velha das duas, mas não se sentiu com forças, acrescentando antes uma entrada falsa no registo de leitura dela e optando por um copo de vinho. O translúcido *Sauvignon Blanc* revelara-se refrescante, mas não desfizera o nó de tensão instalado no estômago. Seria preciso algo mais do que álcool para o fazer.

Subindo as escadas, Charlie cruzou o patamar até ao quarto de casal. Levou instintivamente a mão ao interruptor, mas de pronto a afastou. Esta noite, não desejava o brilho intenso da luz a iluminar a cama arranjada e vazia, pelo que optou antes pelo aconchego da escuridão. Charlie preferia cada vez mais que assim fosse, despindo-se com frequência às escuras, optando por não atrair as atenções para a sua silhueta pós-gravidez, que em tempos fora elegante e ágil, mas que agora sentia como sendo frouxa e nada atraente. De início, fizera-o para esconder a sua forma do seu companheiro de longa data, Steve, mas agora fazia-o igualmente por si, embora isto de pouco servisse para se sentir melhor.

Bebericando o seu vinho, Charlie sentou-se na cama e retirou o telemóvel do bolso. Passou as chamadas recentes e, após um momento de hesitação, premiu LIGAR. De imediato sentiu o nó no estômago a retesar-se ainda mais. Sabia que estava a ser pateta, até um pouco louca, mas queria falar com ele, ser reconfortada pela sua voz suave e gentil. No entanto, como seria previsível foi parar ao voicemail.

«Olá, daqui fala o Steve. Deixe mensagem!»

Charlie desligou, atirando o telemóvel para a cama. Mais uma noite sozinha, mais uma noite a pensar onde estaria ele. Sempre que lhe perguntava, ele culpava o trabalho, dizendo que tinha de ficar até tarde na oficina, mas de onde vinha tanto trabalho, esta súbita torrente de reparações automóveis? Que pressão era aquela que o obrigava a passar noites consecutivas fora de casa? Deixava-a irritada, ressentida. Acima de tudo, assustava-a. Em breve seria o aniversário deles — um acontecimento a que por norma ele dava grande importância —, mas este ano Steve mal abordara o assunto. Parecia que já não lhe interessava, como se já não se *importasse*.

Charlie levantou-se e avançou até à janela, afastando as cortinas para o lado. O vento amainara e a rua escurecida apresentava-se sem vida e fria, como que parada no tempo. Ansiou por alguma atividade para a distrair — um casal aconchegado enquanto seguia apressado, alguém a passear um cão e enfrentando os elementos, até Steve a correr de volta para casa —, mas nada viu, nenhum movimento. Charlie sentiu uma vaga de emoções a crescer dentro dela, a perturbação tomada pelo pânico, e tentou trancá-la dentro de si. Não podia deixar-se levar pela paranoia, não podia permitir que a ansiedade a tomasse. Em vez disso, recompor-se-ia, faria algo produtivo — havia imenso trabalho para pôr em dia e inúmeros afazeres domésticos pendentes — contudo, apesar das suas melhores intenções, deu por si incapaz de se mexer. Fora tomada pela insegurança, pelo medo, e, apesar de saber que se torturava a si própria, manteve-se imóvel, fitando a noite, perdida na escuridão.

## 5

**E**le parou na soleira, olhando para trás para o quarto. O corpo sem vida de Martha White jazia na cama, escondido pela escuridão. De longe, achar-se-ia que dormitava, alheada do mundo. Mas as manchas de sangue na parede, que agora escorriam para o chão, maculando o papel de parede com um carmesim obscuro, denunciavam a mentira de tal fantasia.

Havia um casaco de mulher pendurado numa cadeira junto à porta e ele fez uma pausa, limpando a lâmina do machado ao tecido, olhando fascinado para a forma como a lâ sugava o líquido viscoso. Grato por ver a lâmina limpa, voltou-se e afastou-se corredor fora. A carpete era cara e macia, com o som dos seus passos a ser abafado pelos fios grossos, mas ainda assim cada passo soou-lhe como um golpe de machado, alertando o mundo para o seu crime. O seu cérebro pulsava, o coração batia intensamente. Executada a sua tarefa, só queria pôr-se a milhas dali.

Apressou-se na direção das escadas, mas pelo caminho soou um grito estridente. Foi tão súbito, tão inesperado, que lhe pregou um valente susto, antes de rodar para enfrentar quem o acusava. Mas não havia ninguém no corredor, nem perto do local do seu crime, e para sua surpresa percebeu então que o barulho vinha do quarto do outro lado do patamar. A sua reação instantânea foi dar meia-volta e fugir, mas o som era tão penetrante que em vez disso abriu a porta e entrou apressadamente, determinado a enfrentar quem o acusava.

Ao fazê-lo, percebeu o quanto ficara atordoado. Sob a luz suave de um móvel giratório, havia uma bebé iluminada, berrando a plenos pulmões. Avançando rapidamente até ao berço, o intruso fitou a infeliz criança. Ele não sabia ao certo com o que contar, no entanto a sua

súbita chegada só a perturbou ainda mais, com a bebé a fazer uma expressão assustada. A força pura do seu choro e o volume selvagem dos seus gritos surpreenderam-no. Seria possível que ela *soubesse*? Que de alguma forma tivesse pressentido a morte da mãe e estivesse determinada a fazer soar o alarme, rugindo a sua indignação na esperança de que alguma boa alma apanhasse o seu assassino? Por certo, não poderia haver outra explicação para os decibéis sobre-humanos que arrancava dos seus minúsculos pulmões? Estaria a acusá-lo? A envergonhá-lo?

Ele tinha de a calar. Mesmo esquecendo a sua paranoia, era possível que o choro persistente dela alertasse ou atraísse o interesse de vizinhos. No momento em que tal lhe passava pela cabeça, ouviu um barulho no exterior. Seria alguém a abrir o portão do jardim? A entrar para investigar? Voltando-se para a criança, sabia que tinha de ser silenciada, que ele não lograria escapar com tal alarme insistente a soar. Agarrando o punho do machado, olhou fixamente para a bebé, desejando que ela se calasse, mas o seu pequeno rosto estava rubro, de tão inconsolável. Ela não iria parar... a não ser que *ele* a parasse.

Nunca fora sua intenção, no meio de tudo aquilo ela era a inocente, mas de repente sentia não ter opção, como se a vida, o destino, o karma, o encaminhassem para tal ato, tão penoso. Lentamente, ergueu o machado, incitando-se a desenterrar a sua coragem. Desviando o olhar do rosto contorcido, contou de três para trás.

Três, dois, um...

E, praguejando, baixou o machado.

Mas parou a meio, detendo a lâmina no ar. Algo lhe chamara a atenção. E agora, apesar de contrariado, desatou a rir, com gargalhadas profundas. Era tão óbvio, tão óbvio mesmo — porque é que não lhe ocorrera ainda? Pousada ao lado da boca pegajosa da bebé, parcialmente escondida sob a bochecha rechonchuda, estava uma chupeta. Uma chupeta amarelo-vivo. Era isso que ela tanto queria, com a sua ausência subitamente a perturbá-la.

Baixando o machado, pegou na chupeta e pô-la delicadamente na boca dela. O choro parou de imediato, com a bebé a chupar satisfeita a tetina de borracha. Ainda mais espantoso, daí a segundos a menina já dormia, com a sua inquietação esquecida. Imperava a paz, sendo o silêncio interrompido apenas pela música suave do móbile.

Estarrecido, mas aliviado, o intruso rodou sobre os calcanhares e abandonou apressadamente o quarto, deixando a bebé entregue ao seu sono.

## 6

**H**elen galgou a silenciosa escadaria, o seu olhar vasculhando os recantos escuros, as entradas sombrias. Mas a reta final esta noite não apresentava perigos — estava completamente sozinha.

Já no patamar do último andar, dirigiu-se a passos largos à porta do seu apartamento. Rapidamente, enfiou uma chave na tranca superior e depois na inferior, antes de avançar para a fechadura. Pouco depois, estava dentro de casa, com a porta de aço trancada atrás de si, sentindo-se grata por não haver intrusos à sua espera. Helen estava exausta, já nem sentia os pés, e até se sentiu tentada a atirar-se para a cama e deixar-se adormecer, mas o medo manteve-a desperta. Abandonando o quarto, regressou à cozinha, abrindo o portátil para visionar as gravações das suas câmaras de videovigilância. A câmara da porta pouco revelou, a não ser a ida do seu vizinho à Tesco Metro, e as câmaras do apartamento ainda menos. A sua casa estava segura.

«A temperatura vai rondar os três graus esta noite e o vento vai fazer com que pareça consideravelmente mais frio...»

Helen gostava de ouvir rádio à noite, uma voz para penetrar a envolvente quietude do seu apartamento, e conforme prosseguia o boletim meteorológico ela atravessou a sala de estar, deixando-se cair no sofá. Descalçando as botas e as meias, deixou a cabeça descair para trás sobre o tecido macio, fechando os olhos. Imagens do trabalho da noite preencheram-lhe os pensamentos — o capitão e a tripulação descontentes do barco, a equipa de busca agressiva, a enorme quantidade de cocaína descoberta num compartimento secreto sob o gio —, mas afastou-as. Necessitava de escapar aos seus deveres, à sua vida quotidiana, dedicar-se a algo que lhe fosse exterior, algo mundano, vulgar e seguro.

«Portanto, se sair amanhã, eu cá levaria chapéu e luvas, e se tiver um belo cachecol de lã, também o usaria...»

O suave entoar de Hampshire na voz do repórter tornou a imagem ainda mais acolhedora e Helen desejou deixar-se levar pelas fantasias da diversão de inverno, mas a sua mente não lhe dava descanso, determinada a jogar o seu habitual jogo sombrio de associação de palavras. A referência ao cachecol levou Helen a pensar em pescoços e de repente os seus pensamentos foram encaminhados até Alex Blythe, no seu apartamento, no seu *quarto*, lentamente a extrair a vida do seu próprio cão. Blythe deixara o seu *spaniel* no *quarto* dela como presente de despedida, enquanto ligava a Helen para lançar a sua derradeira e horrível ameaça. O significado da sua mensagem arrepiante já era suficientemente mau, mas o facto de ele lha ter transmitido de casa *dela* bateu bem fundo. Ele estivera ali, sentado na sua cama, calmo e composto, divertido com a sua onnipotência.

Desde então Blythe nunca mais fora visto — nem uma única vez em mais de cinco meses —, mas a sua presença ainda se fazia sentir. Helen reforçara as defesas do apartamento, instalara equipamento de segurança topo de gama, mas nem assim se sentia melhor. Fora declarada vingança, algo que, estava Helen certa, o psiquiatra iria concretizar, fosse em pessoa ou por via de terceiros. E foi por isso que mesmo encontrando-se esta noite em casa, trancada em segurança face a um mundo sombrio e perigoso, Helen não conseguiu descansar. Isolada, sozinha, hoje em dia nunca se encontrava verdadeiramente a sós, com o fantasma de Alex Blythe sempre a espreitar-lhe por cima do ombro.



## 7

**E**le introduziu a chave na fechadura e rodou suavemente. Suspirando ao de leve, a porta cedeu e ele apressou-se a entrar, ansioso por sair do frio. O seu equipamento de corrida era caro e eficiente, mantendo o calor gerado pelo exercício, mas esta noite o vento estava especialmente frio e cortante.

Fechando a porta ao entrar, Greg White descalçou as sapatilhas. Ainda se encontravam húmidas e sabia que ouviria um ralhete se deixasse pegadas por todo o soalho do *hall*. Descalçando as meias justas, pendurou-as no radiador mais próximo e depois seguiu em passos leves até à cozinha. As luzes estavam apagadas e assim as deixou, pois não pretendia despertar a família. Até porque conseguia ver a cozinha recentemente equipada, com o luar a jorrar por entre as luzes do teto, iluminando quartzo, aço e carvalho. Greg sabia que era patético cobiçar objetos inertes, mas vê-los na cozinha, concebida para deslumbrar as visitas, nunca deixava de o entusiasmar.

*Porque não, pá? Bem o mereceste*, pensou, grato, para si mesmo, avançando até ao frigorífico e abrindo a porta.

Uma garrafa gelada de água aguardava no interior e deitou-lhe a mão, servindo-se de um grande copo. Uma golada, duas, três, sorveu o líquido gelado até já não conseguir sustentar a respiração, baixando o copo e sorvendo antes o ar. Caramba, como se sentia melhor do que nunca esta noite — cheio de energia, de adrenalina e vida. Porque é que não fazia isto mais vezes? Era uma alternativa revigorante aos rigores do trabalho e às exigências sem-fim da sua maravilhosa, mas exigente bebé. Depois de repor a garrafa no frigorífico por uma nova, Greg deslizou pelo chão em mosaico, ansioso por subir ao primeiro andar. Martha ultimamente não andava a dormir bem, queixara-se

disso mesmo de manhã, e quanto mais depressa chegasse à cama melhor. Sentiu-se tentado a ir até ao último andar, e ficar no quarto de hóspedes, mas sabia que Martha não iria compreender. Por muito cansados que se sentissem, por muito que serem pais os arrasasse, nem pensar em camas separadas. O casamento falhado dos pais de Martha deixava-a muito sensível em relação a isso.

Subindo as escadas, Greg apressou-se rumo ao quarto, detendo-se apenas para espreitar para o quarto de Bailey. Para seu alívio, dormia profundamente, chupando com gosto a sua chupeta. Greg sabia que havia opiniões distintas quanto ao uso de chupetas, mas, caramba, como melhoraram a vida deles. Quem quer que as tivesse inventado, mereceria ser condecorado, a par das pessoas inteligentes que inventaram a técnica de *swaddle* e o paracetamol infantil.

Recuando, seguiu em frente caminhando o mais suavemente possível até ao quarto. Hesitou à porta, curioso em saber se Martha dormia ou não. Por vezes, ela caía no sono, mas se tal não acontecia, era frequente dar com ela às voltas na escuridão, ocasionalmente tecendo um comentário rude por ele vir tarde. Rodou a maçaneta silenciosamente e entrou. Tudo parecia tranquilo. A forma imóvel de Martha mal se via no escuro. Com todo o cuidado, fechou a porta do quarto atrás de si.

**DIA DOIS**

## 8

O inspetor Japhet Wilson saltitou de pé para pé, lançando olhares acusadores para a porta de entrada dos Whites, agora decorada com fita da polícia amarela e preta. Começara a trabalhar na Esquadra Central de Southampton há apenas uma semana e, apesar de saber que teria de enfrentar alguns desafios, não era com *aquilo* que contava.

O agente de serviço no atendimento avisara da chamada pouco antes da meia-noite. Um marido em pânico a implorar por ajuda, tentando descrever por palavras a cena de terror com que acabara de se deparar.

«A minha mulher... ela... ela foi atacada... Há sangue por todo o lado, oh, meu Deus... Venham depressa. Por favor, *venham...*»

Japhet sentia-se grato por nunca ter de lidar com os telefones durante a sua carreira — como é que aquela gente permanecia calma, composta e impassível perante descrições tão angustiantes? —, mas seria talvez melhor do que ter de lidar com a triste realidade. Os policiais fardados já tinham isolado a casa em St Denys quando ele chegou, alertando-o com precisão para aquilo que ia encontrar, mas mesmo assim ficou sem fôlego ao ver a pobre mulher.

Nauseado, Japhet retirou um maço de cigarros do bolso. Continuava a ser o agente de mais alta patente no local, já assim era há horas, a testemunhar o amanhecer de um tom pardo repulsivo sobre aquele lar arruinado, mas provavelmente safar-se-ia com um cigarro antes que a chefe chegasse. Mas assim que levou o cigarro aos lábios sentiu a bÍlis a subir-lhe à garganta. Reconsiderando, devolveu-o ao maço. Mais tarde apreciaria um, quando voltasse a sentir-se normal. Se tal viesse a acontecer.

O seu turno terminaria em breve; dissera à mãe que lhe ligaria quando saísse, mas isso teria de esperar. Hoje, ninguém cumpriria horário. Mesmo quando, por fim, falasse com ela, que novidades iria mandar para Walthamstow? De maneira nenhuma lhe iria contar os pormenores daquele incidente — ficaria extremamente preocupada, convencida de que Southampton era um ninho de mortes e depravação —, ainda assim, aperceber-se-ia da inquietação dele, pelo que teria de lhe revelar algo. Restava saber o quê.

Ainda refletia nisso quando ouviu os pneus de uma moto a guinchar ao travar. Sem erguer os olhos, endireitou-se por instinto, voltando-se para a inspetora-chefe Grace. Ela fora a razão para ele se juntar à Equipa de Incidentes Graves, impressionado com a sua coragem, capacidade de liderança e dinamismo. Nesse preciso momento ela tirava o capacete e olhava para ele, à espera de que ele a pusesse a par.

— O que temos? — perguntou, indo direito ao assunto.

— Mulher caucasiana, 32 anos. Martha White, esposa de Greg White e mãe de Bailey, de 6 meses.

Helen, com uma expressão sombria, nada disse.

— Cremos que terá sido assassinada depois das 19 horas na noite passada. O marido deu com ela pouco antes da meia-noite.

— E a criança?

— Está bem, mas achamos que *estaria* na casa quando se deu o incidente.

— Céus...

Wilson assentiu com a cabeça; fora exatamente a sua reação ao saber que a bebé escapara por pouco.

— Até agora, quem teve acesso à casa?

— Apenas os agentes fardados. Estabeleceram um caminho a ser usado por todos e isolaram com fita as áreas importantes. Oh, e o Jim Grieves está lá dentro. Neste preciso momento, pode encontrá-lo no quarto.

Anuindo, Grace deu meia-volta, mas deteve-se virando-se de novo para o seu mais novo recruta.

— Queres acompanhar-me? Podes aprender alguma coisa.

— Será melhor ficar aqui, inspetora-chefe. Já apareceram uns quantos mirones. Não queremos que contaminem o local...

Um vestígio de um sorriso passou pelo rosto de Grace, antes de reagir:

— Tens toda a razão.

Afastou-se, caminhando com cuidado na direção da porta da frente. Wilson observou-a a ir, ciente de que o seu empenho nem por um segundo a enganara. Ela percebeu pela expressão dele, pela linguagem corporal, a razão para querer permanecer no exterior. Ele sempre tentou mostrar-se impassível, desempenhar o seu trabalho sem emoção ou medo, mas hoje fora-lhe impossível mostrar a habitual compostura. Não se sentiu profissional. Não se sentiu controlado. Na verdade, sentiu-se tremendamente enojado.

## 9

A primeira coisa que a chocou foi o silêncio. Ao entrar na casa bem equipada, Helen reparou nas fotografias de família, nos brinquedos muito bem arrumados, na pilha de cartas na mesinha do *hall* — tratava-se claramente de um lar familiar com vida, pleno de atividade, mas hoje mergulhado num silêncio de morte, como se todos os presentes sustivessem a respiração.

Sustinham a respiração devido a quê? Por algo prestes a acontecer? Bem, algo *acontecera*, algo inesperado e chocante. Helen até agora dispunha apenas dos pormenores gerais, mas percebeu pela expressão atormentada do inspetor Wilson que se encaminhava para um espetáculo de terror. *Para isso* estava preparada, já marcara presença em inúmeras cenas sangrentas ao longo dos anos, mas o que hoje a perturbou foi a ausência de vida na casa. Era o tipo de pacatez sombria por norma reservada a funerais.

Cingindo-se cuidadosamente ao carreiro comum delineado, Helen subiu ao primeiro andar. Um rosto familiar, o agente da polícia Frank Cottesloe, mantinha-se de guarda no patamar e, face à aproximação dela, indicou com a cabeça uma porta na ponta mais afastada do corredor.

— O rapazito está lá dentro...

Helen retribuiu o aceno, passando apressadamente. Queria despachar o assunto, apurar os factos concretos e iniciar a investigação daquele crime pavoroso. Ainda assim, abrandou por momentos ao passar por uma porta à sua direita, espreitando para o interior de um espaçoso quarto de criança. Helen foi momentaneamente transportada à sua própria infância — seria possível enfiar todo o apartamento deles no quarto daquela criança — e depois regressou de súbito ao

presente, com o ambiente misterioso da divisão vazia a deixar Helen profundamente triste. Que horrível começo de vida para a pobre criança.

Recompondo-se, seguiu em frente, chegando ao fundo do corredor e abrindo a porta do quarto. Ao entrar, deu com a forma robusta do patologista-chefe da Esquadra de Southampton debruçada sobre a cama de casal, embrenhado a examinar algo de perto. Por baixo dele, no colchão ensopado em sangue, jazia o cadáver brutalizado de uma jovem. Estando de cara virada para baixo, Helen não conseguiu discernir qual seria o seu aspeto — a sua cor, expressão —, mas teve uma boa perspectiva do interior do seu crânio. A parte de trás da sua cabeça fora aberta ao meio, revelando cérebro, tendões e músculos, e parecia haver mais golpes na parte de cima das costas e ombros. Acima dela, no papel de parede, numa tela com o retrato da sua família, viam-se inúmeros riscos de sangue seco, um testemunho da natureza treloucada do ataque.

— Não, também não aprecio muito o gosto deles no que toca a decoração.

O patologista endireitou-se, falando num tom extremamente seco.

— Jim...

A repreensão dela foi amável, ainda assim ele descartou-a, já com demasiados anos em cima para se sujeitar a críticas.

— Como já terá percebido, tratou-se de um ataque extremamente violento — prosseguiu Grieves, imperturbável. — A vítima tinha um trapo enfiado na boca, as mãos atadas com corda elástica e depois foi atingida quatro vezes com um instrumento com lâmina. Pode ter sido uma ferramenta de jardim, mas iria mais por um machado pequeno.

Helen retesou-se.

— O primeiro golpe provocou os danos, em cheio na nuca, fraturando o crânio. Terá sido morte instantânea, por isso calculo que os golpes seguintes, dois na parte de cima das costas... resultaram apenas da adrenalina ou de alguém a divertir-se.

Pareceu um modo estranho de descrever aquele terrível ataque, mas Helen deixou passar.

— Os padrões dos salpicos na parede batem certo com os golpes, pelo que o sangue não foi lá aplicado deliberadamente. Foi um trabalho rápido e brutal, mas eficaz.



— Então, não há outros ferimentos dignos de realce? Não há sinais de agressão sexual? Ou tortura?

— Nada evidente. Nem quaisquer ferimentos defensivos nas mãos ou braços, pelo que é seguro dizer que foi dominada antes de ser atacada.

A ideia gelou o sangue de Helen — Martha teria sido surpreendida no sono pelo agressor?

— Dito isso — prosseguiu Grieves —, as marcas no quarto dedo sugerem que os anéis foram retirados recentemente, o que pode facultar alguma pista quanto ao motivo.

Helen já observava o resto da divisão, com o seu olhar a deter-se na caixa de joias vazia virada de pernas para o ar na cómoda desarrumada. O agressor de Martha teria remexido às escuras na sua pilhagem, derrubando frascos de perfume e recordações? Se assim foi, teria valido a pena? Algum tipo de ganho material valeria *aquilo*?

— Se fosse a si, punha alguém a vasculhar o barracão do jardim, a falar com o marido, ver se faltam ferramentas, se a corda elástica era deles. Pode ajudar a perceber se foi uma questão de oportunidade ou um trabalho profissional...

Helen tinha esperança de que fosse a primeira opção, mas até ver não havia como saber.

— Algum vestígio do agressor? Cabelos, fibras?

— Até agora, nada — respondeu Grieves. — Não vejo quaisquer arranhões em volta da boca da vítima onde foi posto o trapo, e a corda elástica parece completamente limpa. Além disso, vai perceber que o assassino até teve tempo para limpar a lâmina ao casaco dela, precisamente aí onde está...

Helen desviou-se um passo da cadeira, reparando agora na mancha baça de castanho-avermelhado no casaco de lã branco.

— ... o que sugere que ele estava em profundo, calculado e preciso controlo, apesar da violência excessiva — acrescentou Helen, concluindo o pensamento de Grieves.

Desta feita, coube a Grieves anuir, enquanto reagia:

— Brutal e seguro. Dois adjetivos que, por norma, não queremos ver juntos.

Enquanto ele falava, o olhar de Helen foi atraído pela tela manchada a sangue suspensa à cabeceira da cama. Fora tirada numa sessão

fotográfica e retratava Martha White e o marido sentados de pernas cruzadas no chão, com a bebê no meio. Ambos pareciam radiantes, emocionados com a alegria da recém-chegada, e até a bebê Bailey parecia sorrir, com chupeta e sem dentes, apoiada pela mão da mãe, enquanto pestanejava para a câmara. Uma vez mais, Helen sentiu uma pontada de dor pela menina, que mal um ano tinha, que nunca sentiria tal apoio e tal amor de novo. Helen sabia que aquele tipo de fotos muitas vezes não era natural e que possivelmente haveria segredos sombrios ocultos nas vidas privadas daquele feliz trio, todavia era impossível não discernir o amor, o entusiasmo e o otimismo nos seus rostos, um testemunho de uma família que vivera, amara e depois fora violentamente despedaçada.

## 10

Um ruído levou-o a olhar para cima, despertando-o dos seus devaneios. Greg White perdera-se nos seus pensamentos — pensamentos sombrios e horríveis — antes de um guincho de Bailey o trazer de repente de volta à realidade. Desorientado e confuso, virou-se e percebeu que fora perturbado por um gritinho de entusiasmo. A sua menina divertia-se.

Pareceu-lhe impossível tendo em conta os acontecimentos horríveis da noite, mas não havia como negar. Estava sentada no tapete, a olhar para o televisor, a gorgolejar e a sorrir para as brincadeiras nos desenhos animados *JoJo & Gran Gran*. De imediato revelou-se extremamente comovente — ver que tal felicidade ainda *era* possível —, mas ao mesmo tempo profundamente chocante. A contradição bateu fundo, a constatação de que Bailey não fazia ideia da tragédia que se abatera sobre a sua família, da amarga perda que haviam sofrido. A seu tempo, quando fosse capaz de compreender, teria de lhe explicar o que acontecera, mas a ideia deixou-o doente. A que palavras poderia recorrer para descrever tal horror? Como poderia explicar-*lhe* quando nada daquilo lhe fazia sentido a *ele*?

Estava em choque, sabia bem disso, ainda sem conseguir processar verdadeiramente o que se passava. Assim que prestara declarações à polícia, seguira para casa dos pais em Shirley, desabando nos braços deles enquanto Bailey dormia na cadeirinha do carro. Ambos tinham jornadas a percorrer — ele do puro choque à raiva e à dor e, quiçá, à aceitação, ela da felicidade à perda. Seria um processo lento e penoso e, para ambos, desconcertante. Mesmo depois de tudo esclarecido, ele não seria capaz de entender a morte horrível de Martha, e Bailey de igual modo ficaria desprotegida. Ao longo de anos, ela não conseguiria

verbalizar o que sentia, mas era inegável que, entretanto, *sentiria* a falta da mãe. Que ansiaria pelo seu toque, pelos seus beijos e ternura. O que faria na ausência da mãe? Choraria? Protestaria? Ou simplesmente seguiria em frente, encontrando conforto nos braços do pai ou dos avós, que sempre a amaram sem reservas e agora seriam uma presença constante na sua vida?

Ocorreu de repente a Greg que Bailey poderia nem sequer recordar-se de Martha. Obviamente, mostrar-lhe-ia fotografias e faria tudo o que fosse possível para manter viva a memória dela, mas poderia Bailey recordar o cheiro, o toque e a presença da mãe? Era horrível pensar que ela poderia simplesmente... esquecer.

Ele, pelo contrário, nunca esqueceria. Assim que entrara no quarto pressentira algo de errado, antes mesmo de acender a luz da mesa de cabeceira para revelar a cena da matança. Começara por cambalear para trás, deixando-se cair no patamar do lado de fora, incapaz de interiorizar os lençóis ensopados de sangue, o corpo brutalizado na cama. Na cama *deles*, na cama do casal, onde tinham rido, chorado, lutado, feito as pazes e amor. Onde tinham concebido a sua bebé. Era o núcleo do casamento deles, da família deles, um lugar de tanta alegria, felicidade e emoção, mas no final revelara-se o local do fim deles, um lugar de violência, horror e dor. Fugira de lá, fugira o mais depressa possível para pegar na sua bebé e correr para o telefone, mas sabia que a imagem de desolação permaneceria para sempre com ele, gravada a fogo na sua mente.

Nunca se livraria dela, iria atormentar os seus sonhos acordados e pesadelos para os anos vindouros. Ele tivera tudo — uma mulher adorável, uma bela filha, uma casa grande, um negócio de sucesso —, mas agora nada disso tinha valor, manchado pela maldade de outro homem. Nunca mais veria a sua adorada Martha, nunca mais sentiria o entusiasmo de ter ao seu lado uma mulher tão maravilhosa, nem nunca mais poria um pé na casa que em tempos fora o seu orgulho e alegria.

# Quando se sente seguro, quando acha que está sozinho, é quando ele ataca...

Há um assassino silencioso à solta na cidade de Southampton. Os seus alvos? Todos os que estejam sozinhos em casa à noite: as presas ideais para o seu jogo mortal.

À medida que o pânico se instala entre os habitantes, a inspetora Helen Grace entra em cena e começa a liderar a investigação, mas a sua vida está virada do avesso: ela própria é uma mulher perseguida, tendo atrás de si um psicopata implacável, obcecado pela vingança.

Seguindo o rasto do assassino, Helen começa a suspeitar que poderá existir algo em concreto que liga estes crimes brutais. Mas o que irá encontrar é mais perverso do que alguma vez poderia conceber...

«Assustador e, na mesma medida, extraordinariamente viciante. Não há ninguém que escreva thrillers tão arrepiantes como M. J. Arlidge, e *O Gato e o Rato* é uma soberba adição à série *Helen Grace*.»

B. P. Walter, autor bestseller do *Sunday Times*

Conheça a série *Helen Grace*:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789896238797



9 789896 238797 >